

Galvêas: nossa dívida é a melhor administrada

São Domingos — O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, disse ontem em São Domingos que a dívida brasileira é sem dúvida a maior do mundo, mas também a melhor administrada, ao chegar para a terceira conferência do consenso de Cartagena.

Galvêas, que chegou da capital francesa, onde o Brasil renegocia sua dívida intergovernamental perante o Clube de Paris — com escala em Nova Iorque —, afirmou que os compromissos brasileiros, perto de cem bilhões de dólares, estão sendo renegociados com base num programa plurianual de escalonamento, com redução dos custos da dívida.

Esse modelo de renegociação com a comunidade bancária internacional já foi aceita pelos bancos nos acordos com o México, Venezuela e Argentina. O Brasil pretende se beneficiar do modelo, não apenas quanto ao escalonamento plurianual, mas também numa grande redução dos custos financeiros da dívida, acrescentou Galvêas.

O ministro atribuiu esse novo modelo porque, desde a criação do grupo de Cartagena em junho, existe uma consciência mais positiva nos grandes países industrializados e nos bancos privados.

Ressaltou que a dívida brasileira acumulou-se no processo de desenvolvimento do país "em investimentos de infra-estrutura, de energia elétrica, transporte, comunicação e portos".

Por outro lado, o ex-presidente dominicano Juan Bosch defendeu a declaração de uma moratória "sine die", por todos os países latino-americanos, como "única solução" ao problema da dívida externa da região. A moratória conjunta da América Latina é o caminho "para obrigar a oligarquia financeira internacional a negociar nos termos que convêm aos governos latino-americanos", disse Bosch.

Além disso, deplorou que essa decisão não tenha sido tomada há um ano, além de lamentar que Brasil, Argentina, México e Venezuela tenham decidido renegociar individualmente suas dívidas, as maiores da região.

Se os países latino-americanos, frisou, decidirem-se a declarar moratória para pagar os 350 bilhões de dólares que devem, os centros financeiros internacionais estariam dispostos a negociar em quaisquer termos, para evitar uma catástrofe em seu sistema financeiro internacional.